

UMA OUTRA DIMENSÃO

Amostra

Luiza
Lobo

contos

**UMA OUTRA
DIMENSÃO**



MINOTAURO

Uma outra dimensão

Copyright © 2025 Almedina Brasil/Minotauro.

Minotauro é um selo da Editora Almedina **Brasil** do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA).

Copyright © 2025 Luiza Lobo.

ISBN: 978-65-614-3051-7

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L787u
1.ed.- Lobo, Luiza.
Uma outra dimensão: contos / Luiza Lobo. - Rio de Janeiro: Minotauro, 2025.
240 p.; 15,7 x 23 cm.
ISBN 978-65-614-3051-7
1. Contos brasileiros. 2. Literatura contemporânea. 3. Ficção fantástica. I. Título.
CDD 869.933

Índice para catálogo sistemático:
1. Contos brasileiros contemporâneos - 869.933

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Almedina Brasil é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Produtora Editorial: Luna Bolina

Revisão Gramatical: Maria Beatriz de Medina e Carol Colfield

Diagramação: Fernando Ribeiro

Capa: Tatiana Lopes de Paiva



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



SUMÁRIO

- 1** | ESTRANHA APARIÇÃO
- 19** | O MESTRE RADIN E SEU FALSO CADAFAALSO
- 25** | AURO
- 33** | A MULHER A(R)MADA
- 41** | O CHUPADOR ACADÊMICO
- 61** | O CHOW-CHOW, O MÚSICO E SEU VIOLINO
- 79** | A GUERRA DOS ORIXÁS
- 99** | UM AVIÃO CORTOU O FRIO CÉU AZUL DA EUROPA
- 137** | A RUA DO CARVALHO DE OUTONO
- 151** | A BUSCA DAS MISTERIOSAS ESTATUETAS DE OURO DOS ANDES E DE COMO ELAS FORAM ENCONTRADAS NO HEMISFÉRIO NORTE NAS MÃOS DE NOVOS E IMPIEDOSOS CONQUISTADORES
- 173** | EM CÁDIS OU PARIS
- 183** | CASANOVA
- 191** | MARIA DA PENA
- 205** | UMA OUTRA DIMENSÃO

Amostra

ESTRANHA APARIÇÃO

“Não me lembro de ter tremido com um relato supersticioso nem com a aparição de um espírito.

A escuridão não tinha efeito sobre minha fantasia, e um cemitério para mim era meramente o receptáculo de corpos privados de vida...”

Naquela manhã fria e úmida, todos os condôminos que estavam em casa receberam a visita do porteiro, altíssimo e desajeitado, que entregava de porta em porta um aviso especial:

“Pedimos encarecidamente a todos os condôminos que respeitem o Regulamento deste Condomínio e não permitam a entrada de animais silvestres em suas residências, devido ao perigo de contaminação por raiva e outras doenças. Alertamos a todos que avisem aos porteiros, ao administrador ou ao Sr. Síndico se tiverem conhecimento de que algum condômino está desobedecendo a essa proibição”.

É claro que o “Aviso” não vinha escrito em português correto assim, como notou a vizinha do 503, Dona Sônia, uma professora primária aposentada que abanou a cabeça em sinal de

desaprovação ao ver a quantidade de erros de ortografia, acentuação, concordância e regência verbal que continha.

Também era verdade que o “Aviso” era bastante inócuo, pois muito poucas pessoas se davam ao trabalho de ler esse tipo de coisa no prédio. Ler era tão cansativo! Mas algum morador que tivesse “dardejado” um olhar que fosse ao papel, sem dúvida, o acharia muito, mas muito estranho mesmo. Ela era uma das raras cidadãs que ainda lia alguma coisa, nem que fosse para defender seu bolso contra aquele constante assalto chamado taxa de condomínio.

(Por que o presidente não fazia alguma coisa a respeito? Um homem tão culto, tão bonito! Que desgraça ser viúva e professora aposentada! Quem cuidaria dela quando não pudesse mais costurar para fora e complementar o ridículo salário de fome?).

Vivendo sozinha, quando não estava curvada sobre a máquina de costura, debruçava-se para fora da janela. Como o prédio dava para uma floresta, diziam os fofoqueiros que seu único interesse em ficar espichada ali era captar trechos de frases, brigas, músicas, sussurros, confissões dos vizinhos. Certa noite ficara acompanhando as imagens dos recém-casados do apartamento de baixo se beijando sendo refletidas no escuro das árvores, como num teatro de sombras. Nunca mais o teatro de sombras se repetira, agora só ouvia discussões sobre tudo.

Entretanto, Dona Sônia percebera que os vizinhos do 603, um andar acima do seu, haviam puxado um cipó da floresta e criado uma espécie de ponte de corda para macacos até dentro do apartamento. Ah! Então era por causa daquela gente do 603 que mandaram o tal aviso! É uma gentinha de bem pouca laia. Por isso não gostava de pilotos, aeromoças, comissários (assim como vendedoras de cosméticos, mensageiros de firmas, especialmente

multinacionais, e faxineiras, enfim, uma caterva). Com certeza estavam trazendo macacos para dentro do apartamento!

Era só o que faltava! Vira como colocaram bananas descascadas em cima do ar-condicionado. Um nojo! Isso chamava muitas moscas, baratas e até morcegos frutívoros. Felizmente, até ali não apareceram ratos — sorte que ratos não voavam! Mas não eram os morcegos ratos mamíferos voadores? E que antiecológico! Em breve os bichinhos já não saberiam se alimentar sozinhos na floresta! Era o mesmo crime que faziam com os beija-flores, colocando água com ou sem açúcar naqueles copinhos de plástico imundos, imitando flores, que lhes transmitiam uma doença horrível, que se desenvolvia embaixo da linguinha deles. Mesmo se os copinhos fossem limpos, os bichinhos desaprendiam a se alimentar sozinhos na natureza (tão perigosa a natureza, mas dá a força da subsistência e o sentido da vida).

Mesmo aposentada, Dona Sônia continuava a dar aulas para seus invisíveis pupilos. Gostaria de continuar sendo professora particular, para complementar o salário — mas o salário — e aí retomava o mesmo círculo de pensamentos que assola todos os brasileiros, porque o salário, o salário, o salário, e se Raimundo fosse vivo, e voltava a pensar nas mesmas coisas — e voltava para a máquina de costura, agora, depois do aviso do Sr. Síndico — El Cínico! — este era o pior de todos, disparado! Até salário de quase três mil dólares a Máfia do prédio tinha lhe arrumado! E o homem não colocava mais o nariz no prédio desde que lhe deram esse salário mirabolante!

Enquanto isso, ela ganhava 300 dólares por mês, para o resto da vida! E a pensão do marido era só de 200! Um técnico tão capaz, mas o salário... E agora dona Sônia voltava a pensar nas baratas e morcegos; não resistiu e foi verificar se algum macaco já

se equilibrava no cipó, como num circo, até o apartamento daquela sirigaita do 603. Os macacos adoravam dias frios para aparecer. No verão se internavam lá no alto do Silvestre, deviam temer o calor carioca. Só ela aguentava aquela cruz calada, pois não poderia pagar a conta de luz se ligasse o ventilador. Porque o salário...

Mas nenhum macaquinho apareceu naquele dia. E este se arrastou lento e chuvoso, uma chuvinha fina e constante, aborrecida, anunciando a certeza de que o dia seguinte seria igual ao anterior, igualzinho.

*
**

No 603, Sofia sentia profundo tédio com sua vida de casada, trancafiada naquele apartamento que dava para a floresta. Às vezes ouvia os fogos vindos dos lados da favela do Borel, anunciando a chegada das drogas, mas era só. Silêncio absoluto a maior parte do tempo. Não podia ficar à janela, apreciando o trânsito, as modas, a velocidade, quem sabe olhando um ou outro “gato” interessante. Só aquela monótona floresta! Uma verdadeira prisão! E seu marido, muito ciumento, a tratava como um árabe! Um verdadeiro Mouro de Veneza! Sim, porque Sofia era daquelas raras pessoas que se aborreciam com televisão, vídeo, rádio, todos esses confortos da cidade moderna e... é claro que não dizia isso aos quatro ventos, mas... lia! Era bom que suas poucas amigas do tempo de colégio não descobrissem. Poderiam contar para o Roberto, que ficaria uma bala com ela!

O ideal de Roberto era que ela não saísse nunca. Nem lesse. Ele providenciara o telefone da mercearia, do açougue, da farmácia,

para entregarem o que fosse preciso em casa, evitando que saísse muito. E dera ordens a todos os porteiros para espioná-la; era vergonhoso, espioná-la! Às vezes ouvia passos no corredor e, chegando ao olho mágico, via algum vulto escondido por ali. Deviam ser eles ou as empregadas da vizinha para ouvirem à sua porta e saberem se recebia pessoas. Roberto era um louco sádico! E pensar que em suas mãos estava a vida de centenas de passageiros! Às vezes lhe tinha tanto ódio que pensava em enviar uma carta anônima à companhia aérea avisando do perigo que corriam entregando um aparelho na mão daquele alucinado.

Quando chegava de suas viagens quinzenais, parecia um cão perdigueiro. Saía cheirando a casa toda, os cômodos, a toalha do banheiro. “E desta vez? Não recebeu ninguém aqui não, não é? Ai de você se eu descobrir que alguém entrou aqui!”

Ela pensava em se divorciar dele, mas para onde iria? Apaixonada, largara a faculdade e agora só poderia ser balconista. Tudo acontecera tão depressa, se conheceram num baile de formatura, namoraram e se casaram, e ele escolhera aquele apartamento nojentamente isolado para trancafiá-la! E isso acontecera, com certeza, por ela ter tido um pai militar. Tinha-lhe tanto horror que a primeira oportunidade de paixão fora suficiente para largar a família e se casar com um mínimo de dignidade.

No entanto, mal conhecera o marido antes de se casar. E agora, para se separar? Tinha medo, muito medo dele. E talvez um dia tivesse de voltar a morar na casa do pai, igualmente truçulento. Um dia o marido lhe bateu no rosto enquanto trepavam. Um horror. Um mequetrefe. Teve de se esconder dos porteiros por quinze dias, o olho roxo, a cara inchada. E ele saía todo perfumado, engalanado, para seus voos. Devia ter uma amante em cada aeroporto. Pois era todo empertigado, falando línguas

estrangeiras, cheio de si. Mas os olhos eram de louco, negros e brilhantes como se quisessem perfurá-la como um canivete afiado. São coisas que não se veem logo.

Para afastar o tédio, enquanto molha as plantas, se lastimando e chorando pela vida desperdiçada (antes tivesse ficado com o pai, ao menos ele morreria antes dela), Sofia se lembrava do tempo em que este trabalhara num posto militar na fronteira com a Venezuela e que ela se acostumara então com os animais da floresta, como pudera conversar com os bichos, que vinham comer na sua mão. O pai (viúvo) era uma fera, com seu treinamento militar para todas as horas. Marcava o horário até de ela escovar os dentes, pentear o cabelo, tomar banho. É, teve de se casar. E, entregue a seus pensamentos, percebeu que os macaquinhos estavam cercando a mãe deles, que arrancava coquinhos da palmeira para lhes dar de comer. Como gostaria de ser um deles e ir pulando de galho em galho, subindo, adentrando a floresta, sem ter de se esconder de tudo e de todos, com medo de ser morta por seu próprio marido! Como se livraria dele?

Sofia fazia estranhos ruídos com os lábios que os macaquinhos pareciam entender. Aprendera a falar com os bichos na floresta. Eles ouviam um pouco, e depois, inclinando a cabeça, inteligentes, conversavam entre si, soltando altos guinchos. Agora ela balançava o cipó, como se os chamasse para dentro do apartamento, pedindo-lhes auxílio contra a solidão. Mas parece até que eles tinham lido o “Aviso” do infame síndico, porque não davam um passo à frente sobre o abismo, dependurando-se no cipó rumo ao conforto de seu apartamento.

Porque Sofia ignorava solenemente todos aqueles avisos do condomínio que colocavam debaixo de sua porta. Nunca abria a porta para o porteiro-chefe, que era o espião-mor de seu marido.

Atirou um amendoim para um esquilo que roía a raiz de uma árvore. E observou durante muito tempo um camaleão que vivia cavando a terra, ouvindo o ruído ritmado que fazia, e a levava de volta aos bailes de espadim de formatura da Aeronáutica, que frequentava aos quinze anos.

*
**

Era uma noite de lua cheia, a floresta parecia viva e desperta, tatus, gambás e grilos faziam seus ruídos típicos da noite. Sofia não conseguia dormir. O marido partira havia dois dias. Novamente lhe batera no rosto ao fazer sexo. Ele dizia que isso o excitava, mas ela achava que era mentira. Batia-lhe porque era mau. Mau e perverso. Perverso, sádico e insaciável. Tinha a impressão de que ele só conseguia gozar com o seu sofrimento. Felizmente ficava pouco em casa, e agora já estava longe, muito longe dali, e, se não fosse pelos outros passageiros, como lhe agradaria imaginar a sua morte, explodindo num jato ou se arrebentando de encontro a uma montanha de pedra bem dura!

Mas era difícil deixar de pensar em Roberto, em cada detalhe de seu rosto expressivo, os olhos lhe perfurando o cérebro, como querendo descobrir mentiras escondidas em seus miolos. Ah! sim, claro que havia mentiras. Por exemplo, debaixo do colchão ela escondia um livro de Mary Shelley sobre um monstro, um monstro tão mau quanto seu marido, a quem ela intimamente chamava de Frankenstein.

E, desistindo de reatar o sono, após acordar sobressaltada com a claridade da lua na floresta e os sons estridentes dos grilos, leu:

“Foi com esses sentimentos que comecei a criar um ser humano. À medida que a precisão das partes constituía um grande empecilho para minha rapidez, resolvi, contrariamente à minha primeira intenção, criar um ser de estatura gigantesca, quer dizer, com cerca de dois metros de altura, e proporcionalmente grande. Depois de tomar essa decisão, e tendo passado alguns meses coligindo e arrumando meus materiais, pus-me à obra.

“Ninguém poderia conceber a variedade de sentimentos que me levava adiante, como um furacão, no entusiasmo inicial do sucesso. A vida e a morte me pareceram elos ideais, que eu deveria romper, e despejar uma torrente de luz em nosso mundo obscuro. Uma nova espécie me abençoaria como sua origem e seu criador; muitas naturezas felizes e excelentes deveriam sua vida a mim. Nenhum pai poderia reivindicar a gratidão de seu filho tão completamente como eu a mereceria. Prosseguindo nessas reflexões, pensei que, se pudesse conceder movimento à matéria inerte, poderia também, com o correr do tempo (embora naquele instante eu o considerasse impossível), renovar a vida onde a morte tinha, aparentemente, devotado o corpo à deterioração.”

Sofia ficou transtornada com esse trecho de Mary Shelley. De repente, ela sentiu, para além da realidade macabra de Roberto, que poderia engendrar um ser totalmente seu, dentro do seu próprio útero. Entusiasmada, levada pela luz da lua, levantou-se da cama na brilhante camisola de cetim branco, e foi então que o viu. Ali, na floresta, envolto pela luz da lua, mas perfeitamente visível, estava um grande macaco a olhá-la, de forma paternal, quase humana. Tinha a cabeça ligeiramente inclinada para o

ombro esquerdo, e parecia, dentre todas aquelas janelas do enorme condomínio, estar mirando exatamente a sua. Ela correu até a sala e se debruçou no parapeito, deixando que os seios saíssem do fino tecido de renda que mal a protegia da noite fria. Sofia foi tomada por um sentimento de profundo carinho pelo estranho animal semi-humano, coberto de pelos, que a olhava por entre as folhagens, e agarrou da fruteira da mesa uma banana, que lhe ofereceu à luz da lua.

Foi naquele momento que decidiu chamá-lo de Roberto. Um Roberto sem colarinho, sem gravata nem galardões, sem sapatos de verniz e sem a odienta maletinha de piloto atrás de si, como um buldogue. Ao ver a banana, Roberto, ignorando os perigos do abismo e o chão de cimento lá embaixo, se precipitou exímia e simiescamente pelo cipó e, em segundos, como um herói ou Tarzan, encontrava-se ao lado dela, agarrando a banana, descascando-a e devorando-a de uma só vez. Sentou-se no parapeito por alguns segundos, cheio de apetite, mas logo, apavorado, se lançou de volta à segurança da floresta, que o tragou. Sofia suspirou ao observar toda aquela liberdade de ir e vir, de agir e de movimentar-se.

Voltando ao leito solitário, retomou a leitura. E, invadida por uma estranha sensação de compreensão da alma animal, sentiu que Roberto poderia, naquele mesmo instante, pensar as mesmas palavras monstruosas que exprimia o pobre monstro criado pelo Dr. Frankenstein:

“É com grande dificuldade que me lembro da era original do meu ser: todos os acontecimentos daquele primeiro período me parecem confusos e indistintos. Uma estranha multiplicidade de sensações se apoderava de mim, e eu vi, senti, ouvi e cheirei ao mesmo tempo; e passou-se, sem dúvida, muito tempo até

que eu aprendesse a distinguir as diversas operações de meus sentidos. Gradualmente, eu me lembro, uma luz mais forte pressionou-me os nervos, de modo que fui obrigado a fechar os olhos. A escuridão então me cobriu e me perturbou, mas mal senti isso quando, ao abrir os olhos, conjecturo agora, a luz se despejou novamente sobre mim. Caminhei, imagino, descendo, mas logo encontrei grande alteração nas minhas sensações. Antes, corpos sombrios e opacos tinham me circundado, inacessíveis a meu tato ou visão; mas agora pareceu-me que eu poderia caminhar para a liberdade, e que não haveria obstáculo que não pudesse superar ou evitar.”

Sofia, acariciando o próprio corpo, se sentiu também como Frankenstein, não o criador, mas a criatura, e assim como Roberto se afundava na sua alma, transformando sua vida, ela também imergia na de Roberto como um longo e primevo despertar para a vida na floresta. Até então não vivera. Sentira, ouvira e cheirara pela primeira vez naquele rápido momento em que ele se sentara no parapeito de sua janela. Mas aqueles segundos mudariam sua vida para sempre, bem o sabia.

Deixou-se embalar pelo ruído dos grilos da noite, imaginando que Roberto voltaria pela janela da sala, que deixara aberta, e a cobriria com seu corpo peludo. Pensou mesmo em puxar um cipó para a janela do quarto, mas isto poderia chamar a atenção dos vizinhos, principalmente da professora intrometida do andar de baixo.

No dia seguinte, por algum estranho impulso, resolveu arrumar a mesa do café para dois. Vestira o quimono de seda que, nesta estação mais fria do ano, já podia se permitir usar, calçou as gordas pantufas rechonchudas, e rapidamente agarrou o jornal de baixo do capacho da porta, com medo de que algum vizinho

a visse de penhoar. Pousando as pontinhas dos chinelos sobre a mesa, ela mastigava palitinhos de queijo enquanto lançava um olhar *blasé* às terríveis notícias habituais do país: massacres de indígenas, mais um adiamento da reforma agrária, assassinatos de crianças de rua, escolas despencando sobre a cabeça dos alunos, livros escolares que deveriam ser distribuídos gratuitamente pelo governo sendo-lhes vendidos ilegalmente, roubo de merenda escolar, desvio de verbas públicas, mortes de doentes nas filas dos hospitais... uma verdadeira casa da mãe Joana.

Como a cansava morar num país do Terceiro Mundo! Sentia um profundo desprezo pela incompetência geral de resolver qualquer problema, o individualismo que levava ao roubo para fins pessoais e... mas um ruído lhe tirou os olhos da leitura. À sua frente estava... Roberto. Com um grito de susto e alegria, atirou-se em seus braços. Roberto correspondeu a seu abraço com um ar um pouco desinteressado e se lançou à mesa do café. Ela precisou ser muito ágil para que ele não derrubasse o bule sobre a toalha branca.

— Roberto, cuidado, assim não!

Ele, contudo, sujou a toalha, pois suas patas não estavam impecavelmente limpas. Ela se dirigiu carinhosamente a ele e o conduziu, pelas axilas, até o banheiro, onde lhe lavou as mãos. Ele era bem mais alto que ela. Devia ter “uns dois metros de altura, e o corpo lhe era proporcional”. A água fria o fez soltar um grunhido, o que a assustou um pouco. Depois permitiu que ele voltasse à mesa correndo, pois não havia nada de quebrar no corredor. Ele agarrou uma dúzia de biscoitos de queijo e os comeu de uma bocada só.

— Roberto, não, assim não, como você é espontâneo! Você precisa se conter um pouco! Não coma com os pés, assim não! Com as mãos, você está sentado à mesa, não dependurado numa árvore.

Roberto não parecia se incomodar muito com o que ela dizia, e ela ficou encantada de poder conversar com ele normalmente, não de forma autoritária, como se faz com animais, mas como se fala, carinhosamente, com os pequeninos seres humanos em formação.

*
**

No retorno do marido, Sofia achava difícil disfarçar dele a profunda transformação que se passara em seu interior. Sua vida se tornara adorável. Indiferente à presença do marido, à noite, sempre em horas inesperadas, Roberto descia pelo cipó, vindo das alturas das árvores; ou, na ausência dele, aparecia e se sentava em sua cama. Ela lhe contava trechos de Mary Shelley. Ele parecia se deliciar especialmente com o estilo feminino da narrativa, as imagens personalistas, a perspectiva uterina, imaginária, interior, própria da confissão autobiográfica. Sofia e Roberto se tornaram um só.

O marido era tomado de um ciúme doentio pela alegria da esposa, sua boa disposição, sua beleza, sua pele morena e cabelos brilhantes, justamente quando ele se encontrava distante da cidade. Possuído por um ciúme animalesco, irracional, e batendo com as mãos no peito, como um gorila, ameaçava estrangulá-la se ela insistisse em humilhá-lo tendo algum amante. Ela procurava convencê-lo de que estava feliz com seu retorno, embora fosse extremamente difícil, pois ele se achava muito longe da compreensão da linguagem humana.

Passaram-se dois ou três meses nessa situação quase insustentável em que o marido, tomado por repentinas iras, costumava quebrar a louça da mesa do café, parecendo incapaz de segurar uma xícara

pela alça ou uma faca convenientemente. Ela não ousava reclamar nem censurar nada, com medo de seus modos violentos e brutais.

Certa manhã, quando ele partia, ela lhe deu a notícia, já confirmada pelo ginecologista: Estava grávida! Os olhos dele se esbugalharam, da porta. Então, iam ter um filho? Pois, naturalmente! Os olhos dele soltaram chispas doentias de ciúme. Ele não aceitava a ideia de ter que disputar a atenção dela com um filho. Calado, sem um comentário, partiu. Ela sorria satisfeita, envolta em seu penhoar de seda japonês.

*
**

O nascimento da criança provocou grande estardalhaço no condomínio. Vizinhos apareceram de diversos apartamentos trazendo toalhas de banho, fraldas, mamadeiras, flores. Sofia jamais imaginara que pudessem gostar tanto dela. Todos entravam, espiavam o bebê no berço e saíam alguns minutos depois, atarefados. Foi realmente a chegada da professora aposentada, Dona Sonia, que causou toda a perturbação.

— Mas ele é coberto de pelos de macaco! É um bebê-macaco, não é filho de homem! — Enquanto falava, a lembrança do “Aviso” do maldito síndico ocorreu à mente da velha. Foi recuando, saindo de costas do apartamento, escandalizada.

Mas o leite estava derramado. O marido, nervoso, se atirou ao berço, fora de si.

— O que significa isso? Filho de macaco? O que significa isso? — gritava, com voz suficientemente alta para ser ouvido por todos os blocos do imenso condomínio. — Seus olhos se voltaram

para Roberto, que lia um livro no sofá, com seus chinelos. Seria difícil explicar como tinham chegado àquele ponto. Porque Sofia se fora acostumando à presença do animal. Tinha-lhe pena, nem sempre com a alimentação correta e a horas certas, na floresta. Gostava de seu ar sempre feliz e satisfeito. Mas de repente percebeu tudo e, tomando uma faca afiada da gaveta, se lançou sobre o rival. Sofia, desesperada, tentou segurar o marido, gritando muito e criando um tal espalhafato que todos os condôminos se puseram às janelas:

— Deixe-o em paz, deixe-o! Ele não tem culpa de nada! É uma pobre criatura sem consciência! Não pode ser culpado de nada!

Roberto, vendo que as coisas apertavam para o seu lado, saltou para o cipó, todo enrolado nas roupagens de cetim. Apesar de o marido Roberto ter cortado a extremidade do cipó com a faca de corte a *laser*, o outro conseguiu se agarrar a um galho de árvore e dali pôde observar o término da cena no vídeo da fatídica janela. Não entendia ainda muito bem o que acontecera, pois estava absorto pela lembrança da página que lia do livro de Mary Shelley, mas agora que a novela se desenrolava diretamente diante de seus olhos, compreendeu que Roberto assassinava sua esposa e seu filho animalescamente, com a faca afiada. O livro, largado no chão, caíra aberto numa determinada página:

“Sobre ele pendia uma forma que não posso encontrar palavras para descrever — gigantesca na estatura, e, contudo, desgraciosa e distorcida em suas proporções. Dobrado sobre os cadáveres, seu rosto estava escondido sob longas madeixas de cabelos ásperos; mas sua imensa mão estava estendida, semelhante à de uma múmia, na cor e na textura. Ao ouvir o

som de meus passos, cessou de emitir exclamações de infortúnio e de horror, e saltou para a janela. Nunca vislumbrei uma visão tão horrível quanto sua face, de uma hediondez tão abominável, mas, contudo, tão atraente. Cerrei involuntariamente os olhos e tentei (...)."

Depois o homem, aos berros, fora de si, desesperado, pegou uma arma na gaveta e atirou em sua direção, na floresta. Lembranças imemoriais de um inconsciente coletivo simiesco o fizeram correr, saltar e fugir rapidamente dali, entre lágrimas, morro acima. Via-se expulso por tiros que vinham de todas as janelas. Alguns vizinhos enlouquecidos tinham tirado suas armas das cômodas e armários (todos tinham armas em casa, hoje em dia) e davam tiros em direção à floresta. Roberto grunhia e arrancava os pelos da cabeça, pois não suportava o barulho ensurdecedor provocado por revólveres, espingardas e metralhadoras.

Não sabia o nome daquelas armas, mas tinha a sensação de que podiam lhe fazer muito mal; de alguma forma confusa, no fundo de seu cérebro, percebia que podiam tirar-lhe a vida, alguma coisa que significava a pulsação, a sensação, a energia, o amor, tudo, tudo o que havia de mais precioso para ele. E, correndo pela terra, rolando pela lama, se atirando de um galho para outro (havam cortado o seu cipó e o seu acesso para a vida) gritava e grunhia em meio às lágrimas: Sofia! Sofia! O que tinham feito com sua macaca Sofia e com seu filho?

Desesperado, escorraçado, temendo que alguns daqueles infames caçadores o perseguissem pela floresta, morro acima, passou a correr, fugir, quase inconsciente, chorando, a cabeça microcéfala entre as patas, mergulhando na mata; era como se soubesse as palavras dirigidas pelo monstro contra seu criador-cientista, que

expressavam o que sentia em sua linguagem animal de criatura criada por sua Sofia:

“Maldita, maldita criadora! Por que vivi? Por que, naquele instante, por que não extingui a centelha de existência que você tão ousadamente me conferiu? Não sei dizer; o desespero ainda não tinha se apoderado de mim (...).”

Cambaleando pela floresta, tendo perdido o sentido da vida, eterno fugitivo, noite após noite, sem mesmo se alimentar, Roberto parecia ter imergido para sempre nas sensações da sua própria natureza, uma vez que o sentido da natureza humana, seus comportamentos, suas atitudes, lhe escapavam:

“A lua desaparecera na noite, para reaparecer com uma forma diminuta, enquanto eu continuava na floresta. Minhas sensações desta vez se tornaram distintas, e minha mente recebia diariamente novas ideias. Meus olhos se acostumaram à luz e a distinguir objetos em suas formas corretas; eu já discernia o inseto na grama e, gradualmente, diferenciava uma grama da outra grama. Achava os tons dos trinados do pardal demasiadamente ríspidos, e os do melro e do tordo doces e atraentes.”

Sem atinar com o som e a fúria, enlouquecido num palco de folhas, gemia:

“Eu, miseravelmente infeliz e abandonado, sou um aborto que deve ser rejeitado, chutado e pisoteado. Agora mesmo, meu sangue ferve com a recordação de uma tal injustiça.”

Perseguido pela infelicidade de seu amor, pela lembrança da terrível cena da janela em que mãe e filho eram esfaqueados, seguida dos tiros partindo dos diversos quadradinhos dos diversos blocos, dirigidos contra ele, como uma sombra que vislumbra que a vida é um balbucio que não significa nada, Roberto jurou que jamais voltaria a se apaixonar por nenhum ser sobre a face da Terra e, urrando e molhando de lágrimas o peito, mergulhou para sempre na mata: “— Adeus! Adeus, Sofia, você foi e será o último ser humano que jamais verá estes meus olhos tão fatigados. Sofia, adeus!”

Amostra

O MESTRE RADIN E SEU FALSO CADAFAISO

“Não há motivo para que um ilusionista, por mais lúcido e razoável que seja, não viva sob a crença transformada de que ele é um mágico.”

O. MANNONI

O Mestre Radin é um falso mágico, pois teme o seu cadafalso falso onde amputa a cabeça dos farsantes. Ele diz: não há mistério, não há supramágica, a parapsicologia não existe, tudo não passa de truques como os que eu faço aqui, no meu falso cadafalso. O Mestre Radin é um mágico prático, um tipo totalmente norte-americano, que vive pregando pelo mundo a própria negação: não creiam em mim, ele diz ao público (escondendo-se atrás da cortina), meu segredo é não ter segredos, só tenho muita habilidade com as mãos, e preciso ganhar a vida. Sou um homem como os outros, que andou de bicicleta na infância, namorou na adolescência, e, adulto, quer sindicalizar a profissão de mágico de forma totalmente cética e asséptica: não há outro lado, só há o mesmo, a necessidade de ganhar o pão.

O Mestre Radin falou muitas outras coisas na entrevista que deu ao jornal. Chegou mesmo à incrível façanha de retirar do bolso da calça uma carteira repleta de notas, que tinha ganhado como pagamento na excursão — esse truque deixou todos boquiabertos.